A porta sublime e o início do século XX

Breno Viotto Pedrosa

Edição electrónica

URL: <http://journals.openedition.org/espacoeconomia/835>

DOI: 10.4000/espacoeconomia.835

ISSN: 2317-7837

Editora

Núcleo de Pesquisa Espaço & Economia

Referência eletrônica

Breno Viotto Pedrosa, « A porta sublime e o início do século XX », *Espaço e Economia* [Online], 4 | 2014, posto online no dia 11 setembro 2014, consultado o 22 setembro 2020. URL : <http://journals.openedition.org/espacoeconomia/835> ; DOI : <https://doi.org/10.4000/espacoeconomia.835>

Este documento foi criado de forma automática no dia 22 setembro 2020.

© NuPEE

A porta sublime e o início do século XX

Breno Viotto Pedrosa

REFERÊNCIA

O expresso Berlim-Bagdá – o Império Otomano e a tentativa da Alemanha de conquistar o poder mundial 1898-1918. São Paulo: Editora Globo, 2011.

- 1 Deixar-se seduzir pelo título da obra de Sean McMeekin e não pelo seu subtítulo pode ser um erro crucial. Isso porque a ferrovia Berlim-Bagdá é um mero pretexto para que se releve um rico relato acerca da história do início do século XX no Oriente Médio. Entretanto, mesmo que o autor seja um tanto vago quando versa sobre a revolução russa de 1917, a obra como um todo constitui uma peça muito elucidativa sobre a geopolítica e a conformação da Primeira Guerra Mundial. A ótica da análise, contudo, não se assenta necessariamente no palco europeu, mas busca analisar justamente o que ocorreu nos territórios do império turco-otomano, conflito que apesar de olvidado contém a chave explicativa para muitos dos conflitos, acontecimentos e tensões do hoje em dia chamado Oriente Médio.
- 2 A exposição de McMeekin se inicia com uma narrativa sinóptica de Istambul e da estação de Haydarpasha edificada pelos alemães. A partir desse símbolo da aliança turco-germânica encrostada até os dias de hoje em uma área estratégica de Istambul, vemos desenrolar o contexto de dois impérios que se aliaram em função de seu estado contraditório de sufocamento. De um lado os alemães com seu desenvolvimento econômico pungente não encontravam um escape que permitisse desenvolver todo seu potencial. As disputas coloniais já estavam mais ou menos consolidadas por parte dos outros países europeus, sendo que a Alemanha possuía poucas áreas de influência se comparada com seus vizinhos.
- 3 De outro lado, encontrava-se o império turco-otomano que nominalmente polarizava quase todo o mundo islâmico, mas seu território tinha uma coerência fraca, seja pela

falta de uma rede de transporte e comunicação sólida em uma área extensa de quadro natural ríspido (árido ou semi-árido), seja pelas diferenças culturais e linguísticas da população muçulmana que abrangia do Iraque até a Líbia, países como são atualmente conhecidos essas antigas regiões do império. Acrescenta-se ainda ao quadro, a captura e controle de pontos ou áreas do território otomano que tinham interesse especial para as potências europeias. Destaca-se a Líbia no caso italiano, a região do cáucaso para Rússia, o anseio francês de exercer algum tipo de presença na Síria e a grande influência exercida pela Inglaterra no Egito com o canal de Suez, na Pérsia (atual Irã) e seu interesse em controlar o que hoje corresponde ao território da Arábia Saudita com suas cidades sagradas para os muçulmanos. Cabe destacar ainda que mesmo com essas violências à soberania otomana, a Inglaterra mantinha, quando conveniente, relações de apoio e solidariedade com a porta sublime, denominação utilizada para se referir ao império turco-otomano.

- 4 Afora todas as ambições de controle de recursos – sendo que nesse momento histórico o petróleo já possui um papel importante – e territórios estratégicos pelas potências estrangeiras, a porta sublime havia enfrentado dois problemas militares graves: a guerra contra a Rússia entre 1877-78 e as guerras dos balcãs com início em 1912 e que a médio prazo significaram a revolta dos cristãos na fração europeia do território otomano.
- 5 São nessas circunstâncias que os dois impérios sufocados por motivos muito diferentes vão se aliar com o objetivo de construir uma nova ordem mundial. Nesse sentido, o kaiser Guilherme II, diferentemente de Bismark, acreditava que a Alemanha deveria ter uma política de expansão mundial tanto no tocante a sua influência econômica, quanto no que diz respeito à colonização. É com base nessa concepção geopolítica que antes mesmo da consolidação da guerra começa o processo de escolha do trajeto e construção da ferrovia que deveria ligar Berlim até Bagdá, passando justamente pelos Balcãs e pela região da Anatólia ao Iraque. Em tese, a ferrovia concretizaria uma ligação entre o mar do Norte e o golfo pérsico, o que não substituiria os fluxos britânicos mas ofereceria uma alternativa. O império otomano não dispunha da tecnologia e nem de uma ferrovia de tal magnitude, e claramente utilizou o projeto para inserir ramais secundários que obedeceriam aos seus interesses, como por exemplo, ligações rumo às cidades sagradas de Meca e Medina, de modo a concorrer com o império britânico que coordenava grandes fluxos de peregrinos religiosos.
- 6 Sendo assim, para concretizar o novo projeto o próprio Guilherme II viaja através do território otomano e curiosamente apoia os judeus sionistas, os cristãos levantinos e ainda faz homenagem a Saladino com o objetivo de atrair a atenção dos árabes muçulmanos. Mesmo que controversa, sua política de favorecimento ao governo de Abdul Hamid II atraiu o líder e fez com que a elite otomana saísse da esfera de influência inglesa e entrasse na alemã. Na década de 1910, a revolução modernizadora que fez ascender ao poder os Jovens Turcos e ao mesmo tempo manter parte do antigo status quo aumentou ainda mais a influência das ideias ocidentais. Muitos dos Jovens Turcos se inspiravam em uma constituição que pudesse modernizar o império e haviam se refugiado na Europa entre 1905 e 1908. Aqui o radicalismo islâmico foi posto em suspenso por parte dessa vanguarda revolucionária, justamente em função dos novos valores apreendidos no exílio e pelo seu interesse pela cultura e desenvolvimento europeus.

- 7 Antes mesmo da Primeira Guerra ser deflagrada, as relações diplomáticas, econômicas, culturais e militares entre os dois países já tinham aumentado significativamente de volume. Quando a guerra se inicia, McMeekin narra como os turcos conseguiram administrar sua entrada no conflito até que a Alemanha ofertasse o maior número de vantagens possível, não se atendo somente à ferrovia, nem aos antigos territórios no cáucaso. De qualquer maneira, quando a guerra começa devido à tensão entre eslavos e austríacos nos Bálcãs a ferrovia ainda não estava finalizada. Entretanto, durante toda a guerra ela irá compor uma artéria fundamental de abastecimento entre a Alemanha e o império turco-otomano. Serão necessários os anos iniciais da guerra para que a ferrovia não sofra uma grande quantidade de ataques nos bálcãs e para que o front das potências centrais no sul da Europa se torne relativamente estável. Já na Anatólia, a ferrovia precisava atravessar a cadeia de montanhas do Taurus e sua região de aridez. Contudo, quanto mais a obra adentrava em regiões de pobreza e baixa densidade demográfica, mais recorrentes eram os assaltos provocados por nômades salteadores. Dificulta o trabalho a falta de matéria-prima e de mão de obra qualificada. São utilizados, portanto, armênios e outras nacionalidades não ligadas ao islamismo, o que acarreta uma série de consequências. A complicação em vencer a cadeia de montanhas era tamanha somada às dificuldades logísticas de algumas áreas do império turco-otomano, que os engenheiros decidem fundar uma outra frente de trabalho em Bagdá para agilizar a construção.
- 8 Mesmo sem a via completa, as potências centrais (Império turco-otomano, Império austro-húngaro e Alemanha) se engajam no conflito contra os países da Entente (Inglaterra, França e Rússia). O interesse pelo islamismo, as relações entre a elite intelectual, militar e política da Alemanha e da porta sublime provocam um efeito curioso: Max von Oppenheim, um judeu alemão, faz um mergulho profundo na cultura e na religião islâmica se passando por muçulmano. Ao perceber que todas as potências europeias possuem contingentes significativos de população islâmica, Oppenheim forja a ideia de jihad global com um forte apelo anticolonialista. Tal concepção vem na esteira de outras ideias que estavam em voga, como o pangermanismo ou o pan-eslavismo, que buscavam conquistar corações e mentes das populações espalhadas na Europa e no mundo que tinham raízes culturais próximas ou similares com a Alemanha ou a Rússia. Assim, o caso dos bálcãs é emblemático uma vez que lá habita uma população de origem eslava, de religião cristã ortodoxa e que possui algum tipo de ligação cultural com a Rússia. O espírito do pan-islamismo era justamente congregar todo o mundo muçulmano ao redor do império turco-otomano e de seus aliados infiéis, os alemães.
- 9 Uma única religião suplantaria as diferenças nacionais e a dominação de cada potência colonial. A França dominava a Argélia, a Inglaterra a Índia e a Pérsia, e a Rússia governava a população muçulmana da Ásia central. Isso inaugura, como dissemos, a ideia de jihad global que figurava como uma novidade na época, pois o termo era utilizado somente em uma escala nacional para conflitos entre nações. Da mesma forma, os alemães tentaram reabilitar a concepção de califa, ou seja, a ideia de que o mais poderoso líder muçulmano teria a honra de ser, por direito, o protetor militar das cidades sagradas de Meca e Medina. Entretanto, apesar da pressão otomana, seu poder era apenas nominal, porque dependia das imbricadas relações das diversas tribos do deserto da arábia — além da forte influência da marinha inglesa, que fornecia alimentos e controlava uma parte importante dos fluxos de peregrinos religiosos.

- 10 Assim, os muçulmanos foram incitados a atacar as minorias religiosas que conviviam e seus colonizadores – salvo, é claro, os alemães. Isso teve um efeito nocivo que desembocou na perseguição da população judia de Istambul e Jerusalém, dos cristãos levantinos no território que hoje corresponde à Síria e ao Líbano e nas múltiplas agressões entre armênios e turcos que se estendem do genocídio de 1915 até as disputas territoriais em 1917. Além disso, outro efeito foi a criação de um bureau jihadista por parte de Oppenheim que buscava criar material de propaganda e distribuir recursos para as guerrilhas locais. Ligado ao bureau, ao pessoal militar e ao corpo diplomático estava mobilizada um plêiade de especialistas, sejam orientalistas, sejam estrategistas militares que deveriam canalizar e potencializar a propaganda e os recursos financeiros. Essas missões se espalharam por muitos lugares, potencializando o poder otomano, abrangendo: o deserto da arábia onde tentaram cooptar as tribos nômades, o chifre da África radicalizando populações muçulmanas, o Afeganistão onde barganharam o apoio do líder local que gozava de uma relativa independência devido às distâncias e o relativo isolamento geográfico da região, o território do sul do Iraque onde tentaram obter o apoio dos líderes xiitas e, finalmente, no território persa onde causaram perturbações de forma a enfraquecer a influência inglesa no sul e a russa no norte. Em muitas situações as guerrilhas tiveram um efeito muito destrutivo e após o impulso inicial não conseguiram sustentar apoio amplo por um longo prazo.
- 11 A jihad global inflamou o mundo e parcialmente o efeito desejado foi obtido, ao custo, como dissemos, da pressão sobre as minorias não muçulmanas. Na Líbia a expulsão dos italianos compôs um dos motivos pelo qual este país retirou seu apoio às potências centrais.
- 12 Logo no início da guerra o grande objetivo estratégico era o controle do canal de Suez, administrado pelos ingleses, sendo esta uma grande via que poderia desestruturar o funcionamento da marinha inglesa. Entretanto, os alemães encontraram uma grande dificuldade para encontrar reforços internos no império turco-otomano e tiveram que lidar com a indisciplina das tribos salteadoras que não estavam interessadas em morrer em prol dos ideais nacionalistas. Após essa derrota, se almejará uma nova tentativa de ataque, sempre em vão, devido à demora da chegada de recursos e homens. No entanto, o início da guerra marcou uma série de acontecimentos favoráveis à porta sublime, como a recuperação de partes importantes de território na Europa. Porém, esse quadro se reverteu rapidamente e se degradou. O império otomano não conseguia controlar os pontos de produção de petróleo da Inglaterra, a batalha de Suez se procrastinava e a Rússia estava ganhando cada vez mais força no front caucasiano, mesmo que a Alemanha estivesse ganhando terreno na Europa oriental.
- 13 Aqui McMeekin mostra o fato muito interessante de que enquanto no leste europeu o exército estava completamente desarticulado, no cáucaso os soldados russos estavam organizados e com bom moral para batalha. As tropas permeadas por soviets tiveram uma outra dinâmica, o que certamente pesou em conservar com mais solidez alguns ganhos territoriais depois da revolução de 1917.
- 14 A sucessão de pressões para o império otomano causou uma série de crises internas. Para piorar a situação, a tribo apoiada pela porta no deserto da arábia foi sobrepujada pela sua rival que se aliou à Inglaterra, aproveitando de seus recursos e iniciando o processo que instaurou o califado wahhabista, que perdura até os dias de hoje. Os líderes xiitas também apoiaram os ingleses quando perceberam a natureza da jihad alemã. Tais derrotas só criaram mais atrito e animosidade entre alemães e otomanos. A

situação chegou a um ponto tão extremo que os alemães que moravam em Istambul foram hostilizados fortemente. Nas fileiras militares os jovens turcos oriundos da revolução, com patentes altas e pouca idade, não lidavam bem com o idoso comando do corpo militar alemão formado a partir de conflitos anteriores. Independente do ódio popular, o fato é que a Alemanha havia investido uma quantidade significativa de dinheiro para a promoção da guerra e de sua propaganda. A construção da ferrovia era apenas o primeiro passo de um investimento de longo prazo para cooptar a porta sublime.

- 15 É nessa situação calamitosa que as potências centrais conseguem um suspiro através de um estratagema: enviar Lênin e parte dos bolcheviques para Rússia munidos de recursos para um aparato de propaganda. Aqui fica evidente um certo desdém do autor pela revolução e a ideia de uma identificação razoável entre bolcheviques e alemães. É óbvio que se deve elucidar a visão dos alemães acerca dos bolcheviques, mas sentimos falta da visão bolchevique sobre a conjuntura da revolução e a miséria real do front da Europa oriental. A política de “nem guerra, nem paz” propagada por Trotsky, bem como a procrastinação nas negociações da paz Brest-Litovsk são efeitos da revolta bolchevique contra a ação imperialista alemã. McMeekin não problematiza, por exemplo, o fato de que o grande plano de Lênin era levar a revolução até a Alemanha, tentativa impedida pela guerra civil e por um destacamento polonês que barrou os cossacos do exército vermelho, em 1920. De qualquer forma, seu relato no front caucasiano é rico como dissemos acima. McMeekins destaca ainda a migração de judeus da Rússia e do leste europeu para Alemanha, durante a Primeira Guerra, bem como a concepção um tanto anti-semita de que toda a liderança bolchevique fosse judia. Muitos judeus foram mortos em campanhas antibolchevique aproveitando o ideário dos progoms contra os judeus, promovidos pelo Czar. No contexto da Primeira Guerra, Alemanha e Inglaterra buscaram direcionar o sionismo a seu favor. Um resultado importante no caso inglês, por exemplo, é a declaração de Balfour de 1917 que nomeia a Palestina como lar do povo judeu.
- 16 Mesmo com o alívio devido à revolução russa, um novo impasse se criou entre alemães e otomanos: com o exército russo desmobilizado os otomanos queriam avançar e recuperar os territórios perdidos, ir além e colocar sob sua proteção a população turca azeri. A Alemanha, que havia ajudado a Geórgia a se declarar um país independente, queria paz em Baku – capital do atual Azerbaijão – para poder usufruir de seus poços de petróleo. Esse atrito só agravou ainda mais as relações entre a porta sublime e Berlim.
- 17 A guerra termina com o colapso do império otomano e o resultado é a sua completa fragmentação territorial. Entretanto, está aí a chave para compreender a divisão territorial atual do Oriente Médio. Na conclusão do livro, McMeekin aproveita para elucidar como os nazistas utilizaram o legado construído na Primeira Guerra, seja inicialmente incentivando o sionismo a instalar os judeus em Jerusalém, seja posteriormente quando o ódio islâmico contra os judeus foi mais uma vez canalizado pela cruzada de Hitler. Daí a origem histórica da simpatia de algumas minorias islâmicas europeias pelo regime hitlerista.
- 18 Por fim, acreditamos que a obra de McMeekin seja muito interessante não só pelo seu viés geográfico, mas porque traz à tona temáticas que estão muito ativas atualmente. Fica evidente que os Estados Unidos serão os herdeiros do legado inglês construído na região através da influência econômica ou mais contemporaneamente da ação militar no Oriente Médio. O wahhabismo sempre foi amigo do ocidente, mas os xiitas se

rebelaram após perceber que foram instrumentalizados em prol dos interesses estrangeiros. Também fica evidente a importância do petróleo como recurso estratégico para a ordem geopolítica global e ainda as linhas de força e de disputa territorial que se desdobrarão durante o século XX e na atualidade – lembremos da forte presença turca na Alemanha ou das disputas entre muçulmanos e russos no Cáucaso. McMeekin ilustrou muito bem qual foi o efeito e o percurso da divulgação da jihad global, que hoje também é reapropriada por parte dos radicais islâmicos.

AUTOR

BRENO VIOTTO PEDROSA

Doutor em Geografia Humana formado pela USP – Universidade de São Paulo e Professor da UNILA – Universidade da Integração Latino-Americana.